

DE UMAS TANTAS REVISTAS CAMPINEIRAS

CMUHE030333

Biblioteca Centro de Memória UNICAMP

Campinas, que quase por toda a década de 1910-1920 possibilitou a ativa coexistência de quatro jornais diários — “Correio de Campinas”, “Cidade de Campinas”, “Comércio de Campinas” e “Diário do Povo” —, ao longo dos cento e tantos anos de sua imprensa não registra mais do que duas ou três revistas citadinas que houvessem ultrapassado um lustro, de regular publicidade. Nem por isso, no entanto, deixaram de ser frequentes, na “Princesa D’Oeste”, as tentativas dos magazines literários e sociais. Estamos certos de que, com a louvável intenção de dotar a cidade de Barreto Leme de uma revista própria, outras tentativas se sucederão até conseguir-se o almejado.

Limitando-se a nossa resenha ao presente século, diremos inicialmente da que foi a mais brilhante das revistas aqui surgidas e, infelizmente, de há muito desaparecida.

“REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES”

Fundada a bem dizer com a entidade que lhe emprestou o nome, a “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes”, com o volume das seis dezenas de números, ainda faz honra a Campinas, como centro cultural por excelência, abrangendo estudos literários, históricos, científicos, a par de uma permanente atividade artística. Centro cultural do passado, do alvorecer de 1900, convém anotar, de quando Campinas, pequenina e pobre além de pitoresca em seu rendilhado urbano circundado pelos trilhos das ferrovias Paulista e Mogiana, intelectualmente podia ufanar-se de ser a mais rica do interior bandeirante, com o seu tradicional e renomado “Culto à Ciência”, lá pelas bandas da rua Alegre, no Botafogo.

Idealizada por um César Bierrenbach, o tribuno soberbo, e por um José de Campos Novais, apaixonado das artes e de conhecimentos enciclopédicos, a “Revista do Centro” veio à luz em março de 1902, sob a direção do nosso incomparável Coelho Neto, caboclo de espírito ateniense, que a orientou no seu primeiro número, único publicado, nesse mesmo ano de 1902. Órgão trimestral, a “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes”, a partir de janeiro de 1903, teve como sucessivos redatores-gerentes, Henrique de Barcelos, Dr. Abílio Alvaro Miller, Dr. Souza Brito, Alberto Faria, Rafael Duarte e Benedito Otávio. Posteriormente, entre 1912 e 1920, tornariam a dirigi-la, em fases distintas, Rafael Duarte e Alberto Faria.

Para bem cooperar com os seus redatores, contava a “Revista do Centro” com uma pleiade de intelectuais, especializados em diferentes matérias, os quais constituíam as chamadas comissões auxiliares, de matemática e astronomia, de engenharia, de física e química, de zoologia e botânica, de agricultura e zootécnica, de geografia, história e demografia, de ciências médicas, de literatura, de filologia, de arte, de justiça, de biblioteca e museu e de legislação e contas.

O Centro de Ciências, Letras e Artes, dotado de um veículo de publicidade que o tornava conhecido com o seu elevado programa cultural aquém e além fronteiras do país, no dizer do dr. José Carlos de Ataliba Nogueira equiparou-se à verdadeira academia literária e científica, antes mesmo que se fundasse em São Paulo a Academia Paulista de Letras.

O acatamento que desfrutou a “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes” desde o seu aparecimento, se comprova ainda hoje com as notas de fim de texto de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, respondendo à crítica estampada em o n.º 2, da revista campineira, apontando possíveis inexatidões científicas algures da primeira parte da obra monumental. Caso se tratasse de uma revista provinciana qualquer, o justamente glorificado Autor de “Os Sertões” não lhe teria dado atenção de maior.

A nosso ver, foi a “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes” que franqueou as portas da Academia Brasileira de Letras a Alberto Faria, o mais ativo de seus redatores. Filólogo de mérito indiscutível, pesquisador entusiasta de antigalhas literárias e folclore, Alberto Faria, extinto em 1925, em nossos dias se tornou completamente deslembado em Campinas, a ponto de, em tertúlias de divulgação cultural, ser citado como “Alberto de Faria”, que era o seu homônimo, igualmente acadêmico, autor de uma simples biografia de Mauá. Por ser de justiça, nós anotamos que a “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes” e o próprio sodalício de Cesar Bierrenbach tiveram, em Alberto Faria, um dos mais operosos e dedicados lidadores.

ENTRE 1910 e 1920, PRIMEIROS ENSAIOS DE MAGAZINES SOCIAIS

Antes de 1910, se houve qualquer tentativa de fun-

dar-se, em Campinas, um periódico tipo revista, pondo em foco a vida social, que abrangesse clubes e salões, não esquecendo a missa das dez, na Catedral, e o desfile, pela Barão, das graciosas figurinhas do tempo, se houve uma tal revista ignoramos.

Os primeiros ensaios de magazines sociais e literários, na “Princesa D’Oeste”, surgiram na década de 1910. O pioneiro teria sido o “Monóculo”, do então jovem e elegante Cleso de Castro Mendes, lançado precisamente a 6 de junho de 1915. A tipografia “Ao Livro Azul” do velho Castro Mendes, teria possibilitado ao jovem Cleso a aventura da revista, que não foi além de uns cinco ou seis números mensais.

Temos, a seguir, com o registro datado de 1919, a “Revista Campineira”, da qual supomos houvesse sido fundador e redator principal o moço jornalista Otílio Acaiaba.

Não dispondo Campinas, da época, de nenhuma oficina de gravura, para os clichês, imprescindíveis numa revista, imaginamos as dificuldades que se ofereceram ao Cleso de Castro Mendes e ao Otílio Acaiaba, para a ilustração do texto de o “Monóculo” e da “Revista Campineira”.

“A ONDA” DE DOMINGOS DE ANDRADE

No gênero revista, de literatura leve e texto entremeadado de oportunos “flash” de acontecimentos sociais, “A Onda”, que cobriu quatro anos de permanente e regular publicidade quinzenal, foi o mais importante órgão dentre os muitos lançados até hoje em Campinas.

Propriedade de Domingos de Andrade, que a fundou com Vitor Caruso, em 1921, “A Onda” não tardou a firmar-se em nosso meio. Otimamente dirigida e conquistando uma equipe de bons colaboradores, com uma apresentação gráfica excelente, que lhe deu a oficina da Casa Genoud, a revista dispunha ainda de algo mais para se fazer vitoriosa: — a visão comercial e tino administrativo de seu próprio diretor-fundador, Domingos de Andrade.

Conhecemos bem de perto o editor da “A Onda”. Não era um intelectual e tão somente entusiasta da imprensa, em geral. Natural de São João da Boa Vista, a sua vinda a Campinas estaria ligada ao desempenho das altas funções de diretor da Caixa Econômica do Estado. Como diretor da Caixa, lhe foi fácil o angariar anúncios junto ao comércio e indústria do Município, para o amparo financeiro da revista. Não sendo um letrado e inteiramente despedido da pretensão de se fazer escritor, revelou-se Domingos de Andrade inteligente o bastante para a escolha de elementos capacitados aos quais confiou a direção de seu magazine.

Inicialmente, redatoriam “A Onda” Vitor Caruso e Luiz de Lacerda, ambos poetas, de veia humorística e satírica e Caruso e de estro delicadamente romântico o Lacerda. Em dezembro de 1923, porém, assumia a direção da revista o jovem intelectual Hildebrando Siqueira. Os colaboradores eram os mesmos, acrescidos de alguns poetas de diferentes localidades, como Moacir Chagas e Belmiro Braga. Colaboradores artísticos permanentes, para os desenhos e caricaturas, contava “A Onda” com Manolo Romano, Xico Hadade e Zéca Mendes, todos eles da cidade.

Uma vez sob a direção de Hildebrando Siqueira, tornou-se “A Onda” o baluarte, no interior, da campanha modernista, cujas primeiras clarinadas haviam estrugido no Paulicéia, em 1922, através dos escritos de Mário de Andrade, Osvaldo de Andrade, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, entre outros vanguardistas do movimento renovador e iconoclasta da literatura brasileira.

“Meu castelo pegou fogo”, de Hildebrando Siqueira, reuniu em seu volume os brinços literários e poéticos da fase modernista e agressiva, do jovem escritor, em “A Onda”.

A excelente revista campineira não chegou a atingir o ano de 1925. Imprevista reviravolta na vida funcional e particular de Domingos de Andrade, que após levante de 1924 perdeu tudo, inclusive a liberdade e família, matou definitivamente “A Onda”. Quanto ao seu fundador, Domingos de Andrade, tivemos ensejo de encontrá-lo anos depois, pobremente vestido e de mente abalada, a um canto da redação de “O Dia” redatoriado por Francisco Patti, na Capital. Comparecendo ali diariamente, também ali veio a falecer repentinamente o Domingos de Andrade que nos dera “A Onda”.

O escrito acima enfeixa um capítulo da “História da Imprensa em Campinas”, de autoria de Júlio Mariano, e que será editada dentro em breve pela Associação Campineira de Imprensa, por iniciativa de seu presidente, Carlos Tontoli.